



A importância da alfabetização cartográfica no ensino-aprendizagem da Geografia

The importance of cartographic literacy in Geography teaching

Fernanda Rayane Tavares dos Santos¹; Rafaela Silva de Siqueira²; Ailton Feitosa³

¹Discente do curso em licenciatura plena em Geografia, voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC, membro do grupo de pesquisa GEOFAS, pela Universidade Estadual de Alagoas no campus III, Palmeira dos Índios. fernandarts2010@hotmail.com

²Discente do curso em licenciatura plena em Geografia, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID, membro do grupo de pesquisa GEOFAS, pela Universidade Estadual de Alagoas no campus III, Palmeira dos Índios. rafaellasiqueira871@gmail.com

³Professor Titular do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas, Campus III. a.feitosa@bol.com.br

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 22 de novembro de 2019; Aceito em: 05 de janeiro de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo, apresentar a organização das atividades desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsa e Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) durante o período de 2018 a 2019, na escola Estadual Monsenhor Macedo, na turma da 3ª série do Ensino Médio no âmbito da Cartografia. Sempre há o interesse em provocar o pensamento crítico nos alunos a respeito do ensino fornecido e aplicado em sala de aula, principalmente no que se refere ao uso de mapas nas aulas de Geografia. Isto, porque, ressalta-se a importância dessa linguagem, para que o sujeito compreenda com mais significado a construção, organização e reconstrução do espaço geográfico. Nesse sentido, o principal objetivo do projeto foi fazer com que o aluno compreendesse os fatores da base cartográfica trabalhando com as informações dos conteúdos apresentados e discutidos na Geografia em sala de aula. A partir da imaginação, leitura e construção de mapas é possível associar o mundo real, com sua representação na Cartografia produzida no material didático e, até mesmo subtrair dela outras formas de interpretação. Assim, o trabalho partiu da deficiência apresentada por grande parte dos alunos que chegam das séries iniciais do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, sem compreender o verdadeiro significado das informações geográficas em relação ao ensino-aprendizagem da cartografia na sala de aula. Destaca-se nas observações colhidas neste trabalho, como referências à parte das oficinas, autores como ALMEIDA (2011) e SIMIELLI (1991), além do professor Dr. Ailton Feitosa, em atividades lúdicas que não estão inseridas na rotina escolar, trazendo ao centro de seus conhecimentos o que a monotonia do livro didático costuma esconder.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia, PIBID, Ensino, Geografia.

ABSTRACT: This article aims to present the organization of the activities developed in the Institutional Scholarship and Initiation Program (PIBID) of the State University of Alagoas (UNEAL) from 2018 to 2019, at Monsenhor Macedo State School. in the 3rd grade class in Cartography. There is always an interest in provoking critical thinking in students about teaching provided and applied in the classroom, especially regarding the use of maps in geography classes. This is why the importance of this language is emphasized, so that the subject understands with more meaning the construction, organization and reconstruction of the geographical space. In this sense, the main objective of the project was to make the student understand the factors of the cartographic base working with the information of the contents presented and discussed in the Geography in the classroom. From the imagination, reading and construction of maps it is possible to associate the real world with its representation in Cartography produced in the didactic material and even subtract from it other forms of interpretation. Thus, the work started from the deficiency presented by most students coming from the early grades of elementary school to high school, without understanding the true meaning of geographic information in relation to the teaching-learning of cartography in the classroom. It stands out in the observations collected in this work, as references to the part of the workshops, authors such as ALMEIDA (2011) and SIMIELLI (1991), besides the professor Dr. Ailton Feitosa, in playful activities that are not inserted in the school routine, bringing to the center. from their knowledge what the monotony of the textbook usually conceals.

KEYWORDS: Cartography, PIBID, Teaching, Geography.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o ensino em sua forma mais ampla de transmitir informações e gerar conhecimentos, vem transformando-se conforme o avanço de melhorias no modo e na forma como é aplicado e administrado, principalmente nas escolas públicas do Brasil. Isto vem ocorrendo, devido a iniciativa de professores formados, que participaram de projetos e programas em seus cursos de origem, que possibilitaram conhecer formas de apresentar os conteúdos de maneiras alternativas aos alunos. O PIBID é um desses programas, que tem possibilitado o aprendizado e o desenvolvimento de técnicas e modelos de ensino, que busca despertar nos alunos o interesse pelo conhecimento das informações trabalhadas nas disciplinas, a exemplo da Geografia. Assim, este artigo apresentará as atividades desenvolvidas na escola Monsenhor Macêdo em Palmeira dos Índios – AL, a partir das experiências observadas.

As atividades realizadas com os alunos, acerca do tema proposto sobre a Linguagem Cartográfica no âmbito escolar, tiveram como objetivo geral promover estratégias de ensino-aprendizagem da linguagem cartográfica para os alunos absorverem, de maneira sucinta, que a mesma tem grande importância para a compreensão dos conteúdos básicos da geografia e, por extensão do espaço geográfico onde habitamos.

A cartografia se faz presente como instrumento de observação e representação em objetos de ensino da geografia. Em partes, segregadas a tal disciplina na forma de representação das informações sobre a paisagem e as realizações humanas, principalmente quando tem seu destaque na prática escolar. Os métodos de ensino em muitas escolas públicas do interior de alguns estados brasileiros, como em Alagoas, veem impossibilitados de aumentar/expandir o grau de ensino para os alunos, por falta de investimentos em instrumentos mais atualizados e práticos para facilitar o ensino-aprendizagem do cotidiano das atividades do professor.

Profissionais da educação que trabalham com informações de mapas, sem o domínio da linguagem cartográfica, não conseguem transferir de modo coerente ao educando os verdadeiros significados da Geografia. Isto ocorre, desde os anos iniciais no ensino fundamental, até os anos finais no ensino médio, pois as informações necessárias são negligenciadas aos alunos, o que deixa uma deficiência no processo da Alfabetização cartográfica, uma vez que se percebe nos alunos uma dificuldade em ler, analisar e interpretar mapas e outras representações cartográficas. Com isso, entende-se que a

cartografia é um instrumento indispensável para o ensino da geografia, pois é através dela que se constroem conceitos fundamentais, para que o indivíduo seja favorecido a conhecer e entender melhor o espaço em que vive.

Segundo Almeida (2011) e Liberatti (2019), vários os fatores que contribuem para uma deficiência na alfabetização cartográfica, como por exemplo, pode-se citar o despreparo dos educadores das séries iniciais no que se refere à linguagem cartográfica; a precariedade da formação do professor de geografia e a atuação do mesmo em sala de aula; e a resistência de alguns professores em não fazer uso da cartografia no ensino da geografia. Esses fatores, por vezes, significam na maioria dos casos observados, que os professores e, de modo particular os que trabalham com a Geografia, contribuem para a deficiência no ensino de cartografia por não saber como aplicar, ou por não dar a devida importância ao mapa para ser utilizado em sala de aula como um recurso didático visual de ensino, que muitas vezes complementa uma aula, para passar determinada informação, e não só como um apoio didático para ser utilizado como informação fora e dentro de sala, mas como sendo um instrumento no uso prático para as informações na vida cotidiana do aluno.

Diante do exposto e frente a desafios da escola em relações à linguagem cartográfica, este artigo apresenta um relato de experiências e sugestões para trabalhar a Cartografia como um recurso didático prático nas aulas de geografia, de modo que, possa despertar o interesse dos alunos e assim se apropriarem da linguagem cartográfica para melhor compreender o espaço geográfico e o mundo onde vivem.

Tal instrumento didático fez parte dos procedimentos metodológicos desse trabalho, sendo fundamental nas oficinas organizadas pela Universidade e elevada como sugestões propostas pelas pibidianas bolsistas, que por meio da situação escolar necessitou inserirá na base dos conteúdos trabalhados em sala de aula, com questionamentos complementares, que resultaram no amplo entendimento da cartografia, presente em seu meio social e servindo, como suporte para as oficinas e dinâmicas propostas.

Assim, esse trabalho pedagógico teve início com o projeto de fundamentação teórica, com a explicação e a elaboração de uma unidade didática, que se findou na prática com a implantação do projeto envolvendo a turma da 3ª série do ensino médio da Escola Estadual Monsenhor Macedo, localizado no município de Palmeira dos Índios, Alagoas.

A cartografia sempre fez parte de nossa realidade desde os primórdios das construções de mapas na Antiguidade feitos para orientação marítima ou modo de observação das estratégias de pontos de conflitos nos países distintos mesmo que sem todas as técnicas de mapeamento que temos hoje em dia, os usuários dessas técnicas tiveram essa necessidade de representar o espaço por meio de conhecimentos cartográficos que permitiram avançarem seus objetivos na época.

Os Gregos tiveram uma significativa parcela no desenvolvimento da cartografia e consequentemente da geografia, fazendo com que muito se tenha avançado nos saberes geográficos. Nesta época, viu-se expandir os conhecimentos sobre os territórios e suas características. Neste sentido é de suma importância citar a participação dos romanos em detrimento a este fato, abrangendo conhecimentos sobre os lugares com o objetivo de localizar áreas ricas em produtos comerciais facilitando o crescimento dos pontos comerciais em seu domínio.

Frente a essa necessidade em ampliar seus conhecimentos sobre outros espaços em áreas favoráveis às rotas comerciais, a expansão do mundo conhecido e do surgimento da burguesia, é que se faz necessário avançar nos conhecimentos geográficos, principalmente na elaboração de mapas como meio de registro dos lugares percorridos e conhecidos. Desta forma, surge, então, a relação entre a geografia e a cartografia, mesmo estas servindo apenas como fornecedoras de informações para outras ciências. (JOLY, 1990, apud LIBERATTI, 2013)

Essa geografia muito focada na descrição do espaço, foi, então, introduzida nas escolas e, principalmente nas universidades, e se baseava na memorização, sendo chamada por Lacoste (1988) citado por LIBERATTI (2013) em seu artigo, de “Geografia dos Professores”. Seguindo esta citação, o autor ressalta que o aluno não é preparado para um agir consciente e crítico do saber pensar o espaço, para nele atuar mais eficientemente, fazendo um desvio da Geografia de dominação. Que no século XVIII, o objetivo da Geografia era servir à burguesia que estava no poder dos Estados naquele momento.

Nessa linha de pensamento, é possível perceber que a Cartografia seguia o mesmo caminho na Geografia Tradicional e Positivista (1850-1950), onde estava sendo abordada como atividade de memorização, um mapeador mecânico, que se preocupava mais com a estética das representações do que com a leitura crítica que o tal estava representando. Esse é um dos maiores motivos para que a maioria dos geógrafos viesse a romper com a Geografia Tradicional: a falta de uma liberdade maior de reflexão e

criação, buscando novos caminhos para essa idealização sendo conhecido pela denominação de movimento de renovação da Geografia, fazendo surgir duas correntes conforme os posicionamentos políticos e propósitos desse movimento que é a Geografia Pragmática e a Geografia Crítica. Uma atuando no sentido de neutralizar os conflitos e facilitar a ação do Estado, servindo como instrumento de dominação da burguesia; a outra surgindo como uma linha teórico-metodológica do pensamento geográfico, contrariando a Geografia Tradicional e a Pragmática.

A escolha dessa temática surgiu por meio da percepção das dificuldades que alguns alunos possuíam em absorver os assuntos relacionados à cartografia geográfica, ou até mesmo a Geografia em si. A falta de uma orientação de qualidade, que respeite o espaço sociocultural dos alunos e o leve a ampliarem seus horizontes cognitivos através da percepção desde os anos iniciais, causou um déficit em todo o processo de ensino-aprendizagem que a escola, por meio dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP), busca promover ao facilitar o entendimento através de atividades extracurriculares. Essa deficiência reflete nos anos finais (1^a, 2^a e 3^a série do ensino médio) que onde, através de debates e dinâmicas em sala, foi conseguido perceber a ociosidade e desmotivação em aprender.

Destaca-se que a importância da alfabetização cartográfica, possa contribuir para a formação de olhares curiosos e críticos, buscando uma constante evolução. Essa atitude de tirar proveito do melhor que o aluno tende a oferecer, opiniões a serem discutidas, visões e conceitos a serem esclarecidos, tende a repercutir na vida cotidiana e valores sociais dos alunos.

Então viu aí a necessidade de fazer uma proposta interativa, onde levássemos a cartografia e a imaginação para a nossa aula prática, mostrando ali que a geografia vai muito além do “decorar”, e que estão nas coisas simples que utilizamos no nosso dia a dia. Buscando mostrar que uma simples análise de um mapa pode mudar nosso campo de visão, ampliando nossos olhares ao compreender um simples tema ali apresentado.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nossa oficina constituiu três partes, na primeira levamos para a turma alguns questionamentos (oral) com perguntas do tipo: O que é a Cartografia; Como surgiu; Para que serve; Quais os elementos essenciais da Cartografia para a construção de um mapa,

dentre outras que a minoria dos alunos se possibilitou a nos fazer esclarecendo dúvidas. Alguns materiais foram disponibilizados para eles observarem o funcionamento, como globo (material da escola), mapa em um cartaz, atlas figuras e desenhos de determinadas projeções para facilitar o entendimento das explicações (material das bolsistas). Ao terminar o questionamento, foi perceptível que a grande parte da turma não sabia responder ou não tinha certeza do que estava ali respondendo. Então na primeira aula passamos para os alunos de forma simples o conteúdo e o que seria necessário para aplicação da oficina, foi explicado em sala, elementos do mapa, o que é cartografia, localização entre outros questionamentos.

Ao trabalhar a localização na turma, foi explicado de antemão todos os processos tecnológicos que podem influenciar no mapeamento, tanto do lugar de grande escala (o que comporta lugares com poucos detalhes, quando local, sua cidade por exemplo, de escala menor que comporta uma estrutura de maior detalhes no mapa citando o GPS como principal forma de se localizar no espaço nos dias atuais, além de abordar os aplicativos que podem fazer um mapa ao trabalhar com eles, que são o QGIS e o ARCGIS, um “gratuito” e o outro não. Foi feita uma alusão ao processo de todo o trajeto que eles percorrem até chegar a escola, perguntando pontos de referência que o fazem lembrar do caminho percorrido, comparando com o do colega (Figura 1).



Figura 1. Aula introdutória.

Fonte: Arquivo do autor, 2019.

Na semana seguinte demos continuidade nas atividades, partindo, então, para a segunda parte da oficina, tiramos as dúvidas restantes e explicamos como seria realmente nossa parte prática.

Após os alunos absorverem as noções de topografia através de conteúdos como curvas coordenadas, escalas, projeções e outros também importantes para a cartografia como níveis altimétricos, destacando explicações sobre os que muitos geógrafos da área costumam usar que são as curvas de níveis e a hipsometria para a aplicação da altimetria e outros detalhes do relevo trazendo sempre para o espaço que a escola oferece, principalmente em questões visuais, puderam tentar esboçar um mapa físico de uma área hipotética, ou seja, trouxemos a ideia do imaginário, do que eles costumam ler, assistir, pensar sobre o assunto em algum momento.

Fizemos então a proposta de se dividirem em grupos e criar o “mapa do caça ao tesouro”. Pedimos a eles o mapa para sondar até onde eles entenderam e o que seria preciso passar novamente, para irmos ao mapa 3D, terceira parte da nossa oficina: a maquete (Figura 2).

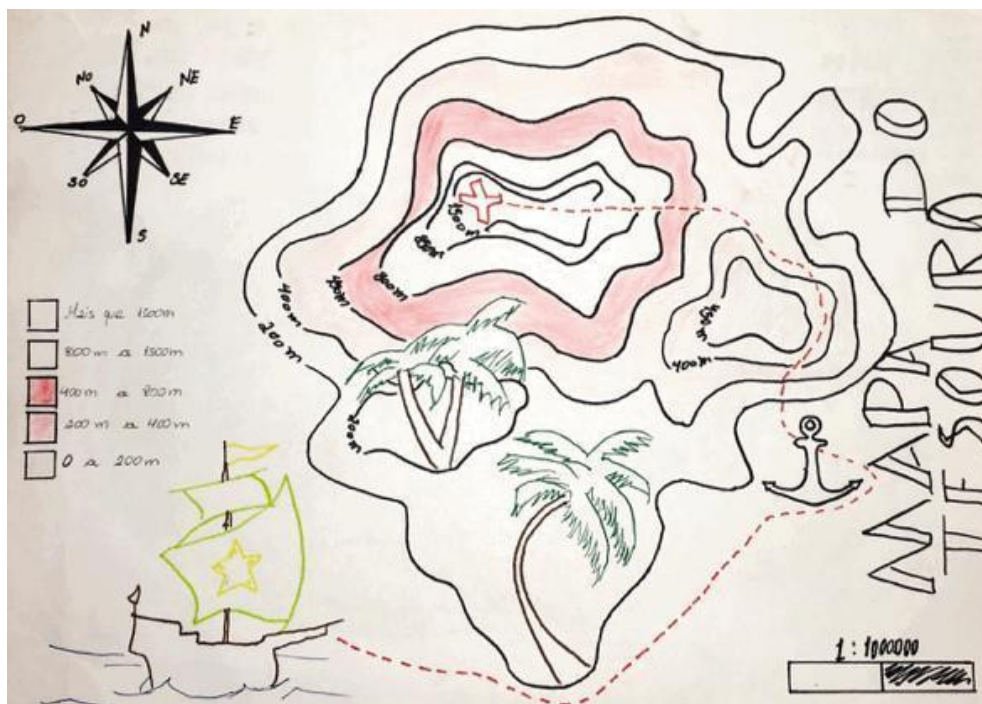


Figura 2. Mapa Caça ao Tesouro.

Fonte: Arquivo do autor, 2019.

Com a turma organizada, foi solicitado o desenho onde deveriam destacar o relevo da área onde a ilha se encontrava. Seria, portanto, um mapa físico. As convenções

das cores comuns a esse tipo de mapa têm que ser seguidas. No mapa, pedimos que estivesse explícita visivelmente uma legenda, as marcas desenhadas: ponto onde o navio atraca; a rota até o local do tesouro, e é claro, o próprio local do tesouro; o nome da Ilha sendo este o título, as coordenadas.

Segundo CASTELAR na obra de ALMEIDA (2011), em se tratando da representação feita pelos alunos, destaca que:

Para educar o aluno para a compreensão das noções cartográficas, consideramos que seus desenhos são o ponto de partida para explorar seu conhecimento da realidade e de fenômenos que querem representar. Esses desenhos são representações gráficas ou mapas mentais elaborados a partir da memória, não havendo necessidade de utilizar as convenções cartográficas [...].

Seguindo a proposta pedagógica, ao passar para a próxima e última etapa da oficina, contamos com quatro funcionários da escola para escolher entres os 3 croquis que ficaram mais chamativo, e correspondeu à expectativa de todas as informações, seja pela cor, estrutura ou dados complementares; todos os desenhos obtiveram votos positivos. Foi tirada uma fotocópia do croqui escolhido e distribuimos nos grupos para fazer a maquete, utilizamos materiais disponibilizados pelo coordenador do PIBID e os nossos materiais.

É importante destacar que o tempo de uma aula fornecido para a aplicação da oficina, não foi favorável à ideia e os detalhes minuciosos que careciam para auxiliar os alunos não foi atendido como foi pensado.

Além da interação com um dos recursos cartográficos (curvas de nível) pode-se também perceber a interação dos alunos entre si como grupo, fortalecendo a dinâmica e o diálogo. Nesse momento de participação da turma na confecção da maquete foi também aplicado algumas perguntas como um meio de filtrar o conhecimento garantido nas semanas que passaram. Perguntas do tipo: “O que são as curvas de nível? Como funciona a representatividade das curvas de nível? Quais são as aplicações das curvas de nível?”, tendo um pequeno incentivo ofertado pela professora supervisora para acrescentar na nota do bimestre. Em suma, percebemos que eles compreenderam o que queríamos, mesmo faltando algumas informações, eles entenderam o que foi mencionado em sala (Figura 3).

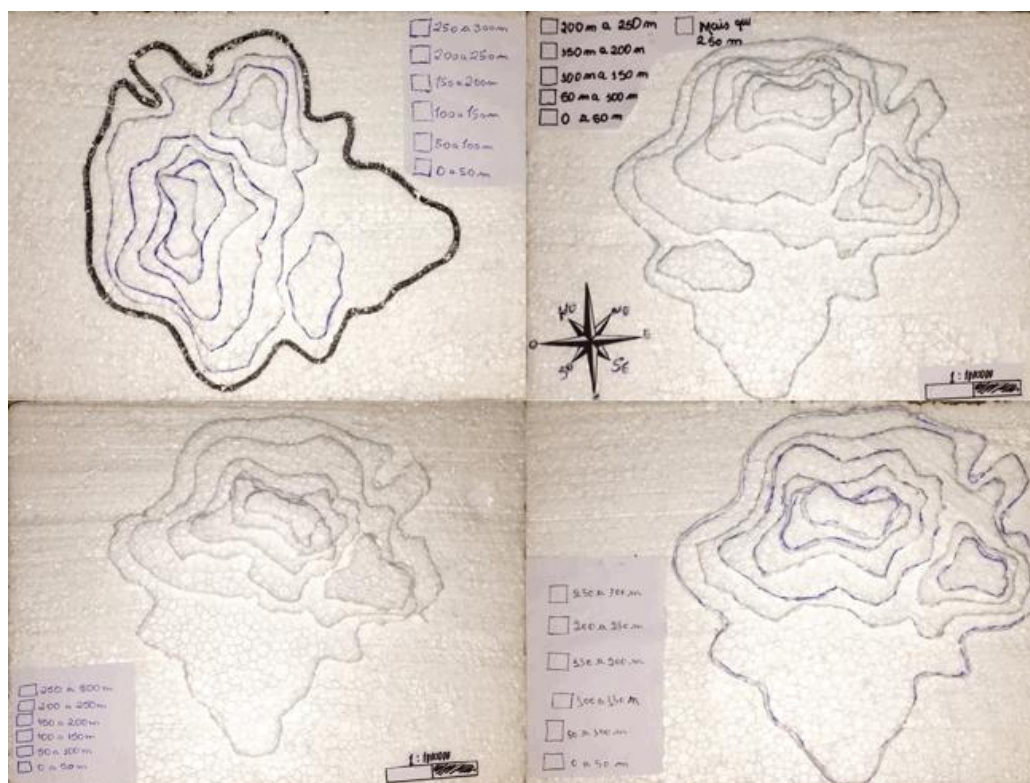


Figura 3. Maquete com Curvas de Nível

Fonte: Arquivo do autor, 2019.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o passar das observações em sala de aula foi possível compreender o porquê de os alunos não gostarem da disciplina de geografia. Além dos professores dos anos iniciais não terem uma noção básica em geografia para passar aos seus alunos que despertem a curiosidade através de nuances artísticas (desenho) que a cartografia também apresenta relacionando ao meio de cada aluno, por exemplo, quando chegam aos próximos anos, se deparam com uma realidade mais difícil ainda, às vezes a aula não tem nada que atrai o seu aluno, que é uma constatação óbvia não somente na escola campo contemplada, e sim de vários outros lugares tanto da região destacada quanto dos municípios vizinhos.

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano do aluno. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. Por isso com a proposta do PIBID temos a intenção de trazer a dinâmica da cartografia para sala de aula; na turma a qual ficamos responsáveis pela oficina, foi possível observar que são alunos com um grau de interesse,

como por exemplo, só faz algum trabalho se valer nota ou se tiver algum ganho naquela atividade, tem-se sempre a noção do incentivo pela troca de “favores”.

Por intermédio dessas perguntas feitas ao longo da atividade, constatou-se que houve um grande avanço na turma principalmente por conseguirmos conquistar a confiança de cada um. Em detrimento desses detalhes que enriquece as explicações em aula e oferece aos alunos pontos importante na busca e absorção do conhecimento em Geografia e Cartografia, tem-se em vista que todo recurso didático pode enriquecer a explicação de uma aula – é fundamental para o processo de mediação do professor de Geografia, pois desperta o interesse do aluno, facilitando a concentração, o entendimento e compreensão, a materializar e significar o conteúdo estudado. Silva e Muniz (2008) enfatizam que “incentivar o aluno a produzir maquetes permite uma participação maior deste no processo de aprendizagem, além de dar oportunidade ao educador para perceber o contexto sociocultural em que os estudantes estão inseridos”. Abre uma nova possibilidade de interagir com o que está sendo discutido, criar/aprendendo conceitos e é uma maneira de intensificar o processo de ensino-aprendizagem.

Simielli *et al.* (1991) exemplifica como a maquete facilita a abstração de conteúdos relacionados à Cartografia, afirmando que:

Esta noção de altitude nem sempre é apreendida nos mapas onde o relevo é apresentado pela hipsometria e/ ou curvas de nível, em decorrência do fato de que nas séries iniciais do 1º grau os alunos ainda se apresentam com um nível de abstração em desenvolvimento, incipientes para compreender a representação de elementos tridimensionais em superfícies planas (mapas). A maquete aparece então como o processo de restituição do ‘concreto’ (relevo) a partir de uma ‘abstração’ (curva de nível), centrando-se aí sua real utilidade, complementada com os diversos usos a partir deste modelo concreto trabalhado pelos alunos.

Apesar das nas reuniões a professora supervisora concordar com a atividade proposta, não tivemos seu auxílio no desenvolvimento da oficina, mas ainda assim conseguimos obter um bom desempenho e resultados acima do esperado. No decorrer da montagem da maquete, foi possível observar que aqueles alunos que eram quietos participaram os que não tinham interesse no começo, logo tomaram a iniciativa e aqueles que desde o início já tinha uma participação, se interessaram muito mais, nos fazendo perguntas e curiosidades sobre o assunto.

Também é possível perceber que a um certo ponto, talvez desmotivados pelos anos de sua prática sem mudanças que desperte a vontade de acrescentar algo novo à sala de aula, os professores, por muitas vezes, acabam perdendo o brilho no olhar que

tinham ao entrar na sala de aula no começo de sua carreira docente. Os alunos tendem a acabarem absorvendo, refletindo e reproduzindo um pouco dessa frustração e isso interfere no aprendizado desse adolescente e o amor ao trabalho, ao aprender que deveria ser passado, acaba dando outro sentido no lugar. Então a prática afetiva também conta nesse processo de transferência de conhecimentos, tornando a vinda do aluno à escola mais satisfatória, tanto para os alunos e professores, quanto para a gestão escolar.

Por fim, com tudo que foi observado e aplicado, e visível que os alunos têm um engajamento na aula. Trazer uma atividade lúdica para uma sala de aula traz benefícios para absorção de conteúdo, não só com essa finalidade, mas trabalha o lado social, os aspectos de como se comportar diante dos outros, o despertar de um protagonismo de cada aluno, tornando o professor um facilitador deixando o seu papel de transmissor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo relatos de alguns autores, o domínio da linguagem cartográfica só se daria possível com o preparo do educando desde os anos iniciais até os anos finais do ensino fundamental. No entanto, a cartografia como uso essencial e ferramenta de grande importância na Geografia, muitas vezes, não está sendo utilizada como recurso no desenvolvimento desta ciência de forma que possa auxiliar melhor na compreensão do espaço geográfico. Acredita-se que isto se deve tanto ao despreparo dos professores das séries iniciais no que se refere à linguagem cartográfica, quanto à precariedade da formação dos professores de Geografia, que muitas vezes resiste em fazer uso dessa ferramenta ou a utiliza apenas para ilustrar as aulas.

Assim, a proposta em trabalhar com os alunos da 3ª série do Ensino Médio da Escola Estadual Monsenhor Macedo as bases cartográficas inicialmente, partiu da deficiência apresentada no processo de ambientação que foi aconselhado a seguir, no que se refere o modo de ensino-aprendizagem que os profissionais da educação na escola-campo contemplada costumam fazer uso em suas práticas pedagógicas, além da questão apontada neste artigo que é a de leitura, interpretação e produção de mapas. Na maioria das vezes acabam deixando de lado o uso da dinâmica em sala, onde a mesma teria o intuito de instigar a curiosidade dos sujeitos em pauta com certo preparatório teórico para ter como base do que será aplicado posteriormente. Dessa forma, fica ciente que esse foi um dos cuidados que ocorreu ao preparar a oficina realizada: fazer com que o

aluno esteja familiarizado com o tema a ser trabalhado, para não tornar o que deveria ser produtivo em algo cansativo nas expectativas dos alunos e das alunas Bolsistas que instruíram esse feito, apresentando a sequência de atividades práticas durante o período destacado.

Ao planejar essa sequência de atividades lúdicas, a intenção, como destacado, foi planejar ao educando momentos mais prazerosos e atrativos em sua rotina de aula, que despertassem o interesse pela Cartografia e que favorecesse a aquisição dessa linguagem de forma mais significativa. Além de instigar a curiosidade para os próximos momentos.

Diante disso, percebe-se que é necessário repensar as metodologias aplicadas para o trabalho com a linguagem cartográfica desde as séries iniciais até o Ensino Médio, pois, a sua apropriação, assim como as outras, depende da metodologia utilizada do desenvolvimento cognitivo de cada aluno que a escola abrange, e isso demanda um trabalho ininterrupto de forma a respeitar a forma como absorvem os dados passados em sala e principalmente o tempo de aprendizagem de cada um.

Dessa forma, pode-se assegurar que a proposta elaborada, a qual utiliza maneiras de interagir com o imaginário ao pedir questões divertidas em sala e em outras circunstâncias com o mesmo método faz o aluno refletir e agir sobre sua realidade, com as informações discutidas em sala, contribuiu para a consecução de conceitos cartográficos necessários, principalmente a mantida no foco do trabalho desenvolvido como as curvas de nível, que o assessorarão a ler, interpretar e construir mapas ou outras representações cartográficas de maneira mais prazerosa e significativa. Porém, para que o aluno continue se apropriando progressivamente da linguagem cartográfica, é preciso que haja uma organização consecutiva dessas atividades nas séries posteriores.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia**: São Paulo: Contexto, 2011, 192p. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2798927/mod_resource/content/1/Sonia%20Cartografia%20Conhecimento.pdf> Acesso em: 05 de jun. 2019.
2. LIBERATTI, Maria Inês da Silva. **Alfabetização Cartográfica: o mapa como instrumento de leitura do espaço**. Disponível em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_geo_artigo_maria_ines_da_silva_liberatti.pdf> Acesso em: 27 de maio de 2019

3. PITANO, C.S; ROQUÉ B.B; **O uso de maquetes no processo de ensino aprendizagem segundo licenciandos em Geografia**; Rio Grande do Sul: Educação Unisinos, 2015; Disponível em:<
<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/7669-32172-1-PB.pdf> >Acesso em: 05 de jun. 2019.
4. SIMIELLI, M.E.; GIRARDI, G.; BROMBERG, P.; MORONE, R.; RAIMUNDO, S.L. 1991. **Do plano ao tridimensional**: a maquete como recurso didático. Boletim Paulista de Geografia, 70:5-21.